

## Morte de um silencioso eletricitista

O estrabismo une gregos e troianos numa mesma *trip*. Por que frestas de luz um guerreiro zorloho, dentro do famoso cavalo de madeira poderia antever o que lhe aguardava no campo de batalha adversário? Quando alguém olha atravessado para outra pessoa, paira sempre no ar um germe de dúvida, de encabulação.

Às vezes as coisas se resolvem com



Walter Carvalho e Ulisses

um simples exame clínico. No campo cinematográfico, o estrabismo evolui, ou melhor, dissemina-se de forma tão curiosa que chega até a merecer estudos pormenorizados. O enviesamento do olhar em cinema tem dado resultados tão profícuos que chega a pensar mal dos fotógrafos modernos que somente se extasiavam diante da tecnologia, tanto ótica quanto mecânica.

A tradição estrábica nos transporta de Peter Lorre até Lucélia Santos, passando por Sandra Brea (não esquecer de Karen Black e David Niven) e chega até Luis Buñuel (via Rudá de Andrade e P. E. Salles Gomes, nosso eterno mestre).

Mas o representante dessa classe que nos chama atenção hoje é outro.

Certas pessoas mantêm com a vida uma estranha relação de distância, de displicência e esta postura acentua-se quando elas sentem que é esse fato que paradoxalmente as fazem

mais humanas e calorosas. Trata-se de uma simples observação aguçada pelo convívio diário, na folga ou no trabalho. O humor afastado de Ulisses Alves Moura reforçava esta tentativa de informação vital. Este silencioso eletricitista de cinema morto prematuramente aos 52 anos de idade trabalhou em várias produções sonoras. De dentro de sua sábia e estrábica mesmice deve ter-nos julgado a todos. Liberava intermitentemente seus conceitos sobre coisas e pessoas mantendo pudor e ética a ponto de poder, por momentos, transcender sua rude atividade manual.

Ulisses foi-se do nosso convívio a 13 de setembro de 1983, sem saber que chegou, a seu modo, a ser guru de muita gente boa.

Nesta data, pelo menos, alguma luz deve ter-se feito! Voltímetros, reostatos, amperímetros, colorímetros tiveram seguramente suas agulhas apontando o índice máximo.

David E. Neves

## Barravento em questão

No número 40 de Filme Cultura foi publicada, em entrevista com o ator Antonio Pitanga, referência a minha pessoa no polêmico caso *Barravento*, de maneira a querer comprometer a minha capacidade profissional ou mesmo moral como diretor de cinema. Fato injusto, porque a minha carreira cinematográfica não morreu com *Barravento*, como era vontade de muitos. E o próprio ator Antonio Pitanga fez, como ator, mais dois filmes comigo, *Marcorrente* e *Crueldade Mortal*, trabalhos sem nenhum contratempo.

Usando do direito que me assiste de resguardar a minha reputação profissional e moral dentro da memória do cinema brasileiro, posta em dúvida pela boca do referido ator em Filme Cultura, peço devidamente o es-

paço na revista, onde farei minha defesa, baseado em honra da verdade que a maioria das pessoas a que se refere esse caso escamoteiam por conveniências próprias ou bajulações.

Resumirei o assunto em algumas respostas diretas ao ator, com um ponto de diferença de suas acusações: o nível da verdade.

Pitanga esquece que várias cenas de algumas seqüências de *Barravento*, filmado com ele e a atriz Sônia Pereira, foram jogadas fora pelos produtores porque a atriz foi afastada por ter reclamado de uma diferença de salários entre ela e Luiza Maranhão, que tinha papel menor. A produção justificava que a segunda atriz vinha do Sul e que Sônia era minha noiva, o que não dava a ela o direito de exigir nada. A moça foi tomada como um bode expiatório. Como atriz, Sônia não foi inventada por mim, já tinha trabalhado com Nelson Pereira dos Santos em *Mandacaru Vermelho* e cursado a Escola de Teatro da Bahia, de nível universitário. Era amiga em grau elevado e colega de colégio de Glauber que foi quem apresentou-me a ela. Com isto, acreditei que Glauber e Sônia se entenderiam satisfatoriamente, já que ele era o produtor executivo. Fui surpreendido com injusta degola da atriz, à minha revelia, que era o diretor e coprodutor do filme. Convém lembrar que eu ainda continuo sócio do filme, os direitos autorais da estória estão reservados em meu nome na Biblioteca Pública desde 1961.

Entre muitas outras coisas que ocorriam nos bastidores à boca pequena, era bom que você, Pitanga, soubesse que foi tramado na área de produção o seu afastamento do filme. Isto facilitaria a vinda de Luiza que tinha compromissos com Blecaute que a estava lançando como cantora e como troca queria entrar no filme como ator. Fui radicalmente contra e me desgastei com a produção para lhe defender.

Pertencendo à burguesia baiana, morando no sofisticado bairro da Barra, Rex, um dos produtores, o homem do dinheiro (mas que ninguém via a cor), começou a comentar que ele não gostava da posição assumida no argumento a favor do candomblé, o próprio chegou a se insinuar comigo, mas não dei trela; então, pressionaram o Glauber que veio me pedir que assumisse uma visão mais crítica com o atraso do misticismo e reforçasse o lado político - tornasse o filme panfletário como ele fez depois que assumiu a direção. Não aceitei o desvio da estória, mesmo porque já tinha evoluído no aprofundamento do candomblé e guardava as anotações secretamente comigo, devido a esse clima adverso. Eu e Hélio Araújo, pintor e neto de Procópio do Ogunjá. Ele era o meu assessor do assunto.

Passei a ser rigorosamente fiscalizado nas filmagens, um clima terrível, retiravam uma atriz e não traziam a outra do Rio, aprovei o Aldo para o papel de Aruan mas não me traziam o rapaz para o teste definitivo, uma infinidade de contratemplos, forjados para atrapalhar.

Convém que Pitanga saiba, que sobre essa atmosfera de tortura, - em parte por minha culpa em ignorar, disputas de poder, privilégios sociais e políticos, etc, etc - eu só pensava e queria fazer o filme, essa mania que a gente pode ter aos 20 anos, de olhar o mundo pelo lado puro, e dança! Voltando ao fio da meada: na última sexta-feira que filmei, deveria ser paga a primeira parte dos salários dos atores e extras. Eis que veio uma ordem da produtora, Iglu Filmes, proibindo que as pessoas de cor (os negros) fossem aos escritórios receber o dinheiro para não comprometer o andamento comercial da firma, a presença daquela gente humilde criaria constrangimentos para os clientes do *Jornal da Tela* que, com matérias pagas, fazia finanças para o filme. Com essa jogada racista, não se pagou a pri-

meira semana de trabalho. E revoltante, protestei e fui caindo cada vez mais em desgraça.

No último encontro que tive com Glauber promovido por Roberto Pires, sabe Pitanga, ele me falou textualmente que não desconhecia a importância de *Barravento*, nem a minha capacidade de fazer um filme importante. Que apesar dele (Glauber) não gostar do candomblé porque sua religião era outra (luterana) ele também reconhecia os meus direitos de



*Antonio Pitanga e Luiza Maranhão*

ficar do lado deles, (o povo do candomblé) que tudo isso era muito bonito, mas o dinheiro fala mais alto e os homens da grana queriam mudanças na estória, - o filme já tinha começado. Mudança da atriz que já tinha filmado. Consultas prévias a ele, Glauber, de todos os planos e seqüências a filmar. Que não me envolvesse entre a produção e os trabalhadores e atores do filme. Que colocasse um texto na abertura do filme fazendo ressalvas ao misticismo atrasado daquela gente. Isso ninguém pode negar, porque está no filme concluído por Glauber.

Era impossível, eu, ou qualquer outro diretor realizar o filme daquela maneira. Glauber então me propôs que entregasse o roteiro, que eles iriam chamar um diretor do Sul, provavelmente Ruy Guerra. Respondi que aceitaria, se me dessem a chance de conversar sobre a temática, ao que Glauber me respondeu: - Isso eles não

aceitam, não há clima para você continuar, você sai do filme. Me entregou um papel que já estava redigido com os seguintes termos: eu entregaria o roteiro, eles me dariam destaque do meu nome nos letreiros em cartela especial, uma participação de 10% da renda líquida, 100 mil cruzeiros, em promissória que nunca consegui descontar, e uma passagem de avião para o Rio de Janeiro, sem volta. Até hoje, não cumpriram nada, só a passagem funcionou como uma maneira de me exilarem da Bahia.

Pitanga, será que você ignora que a coisa foi muito bem tramada, tirando-me todas as condições possíveis de prosseguir filmando? Será que você não notou que logo que me afastaram, automaticamente afastaram Hélio Oliveira, encarregado de orientar o candomblé do filme, no sentido mais profundo e defender o seu valor cultural, a importância de suas raízes afro? E o que resultou de tudo isso? O filme é muito bonito mas a questão afro-brasileira está tratada de maneira inferior, como uma cultura alienada perante os valores da outra que é branca e dominadora.

Pra cima de mim não, meu irmão! Parei com você que só sabe ver as coisas pela ótica de suas conveniências. Meu prezado, já atravessamos a metade de uma existência, essas coisinhas aparentemente tolas, mas que no fundo não passam de sacanagem, desanimam, exaurem a gente que procura da vida o lado mais digno.

Estou no meu canto, não quero mexer nesse assunto em respeito à memória de Glauber que soube ter o devido escrúpulo em vida. Com *Barravento* eu perdi muita coisa, mas a minha honra está intacta e invulnerável de ser atingida por leviandades como essas que foram ditas por você a meu respeito na Revista Filme Cultura.

*Luiz Paulino dos Santos*